

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O CICLO DA INCONSTÂNCIA II

Valdir (4)  
Até 25/01  
Kydo - Nov.80/Out.81

INTRODUÇÃO: No espetáculo anterior tínhamos o p<sup>o</sup>ético momento final de envolvimento, a orgia emocional surgida com o personagem ZEKA completando o ciclo inconstante de sua mão crepuscular, a repetição de JOKA ao afastar-se do Centro da Ação e a entrada da MULHER, e então aquela suada explosão dos seus anseios no poema "A ALEGRIA", de Ferreira Gullar, onde toda aquela pressão contínua de todo o texto atingia o seu auge e clima maiores; e então o Slide projetado ainda trêmulo e depois fixo e aquela criancinha pura e tão mecânica enforcada sobre a árvore.

Este novo texto não existe sozinho e de per si. Ele existe, e isto sim, em função do primeiro. Não pensei que as minhas idéias originais pudessem transcenderem a si próprias de tal maneira nesses quatro anos que se passaram que admitisse revê-las. Assim sendo, achei necessário completá-las, não exatamente lapidá-las, mas sim de recheá-las dentro da pureza de seu conteúdo simbólico com as coisas, que hoje, a minha compreensão e um chamado amadurecimento que a vida e os anos tidos me permitem. Como o texto original tem toda a sua força e fecha-se dentro de si como uma unidade cênica e de proposta, achei melhor não mutilá-lo, e sim acrescentar esta continuação ao trabalho já feito, revisto e analisado. Conseqüentemente este texto só existe em função do outro e não tem a sua vida individual. Só poderá ser montado, montando-se conjuntamente ao anterior, isoladamente nunca; embora, é claro, o primeiro ciclo continue a ter a sua existên-

cia individual e, logicamente, portanto, pode ser montado separadamente como um todo, e vivo como um todo.

Para finalizar, mantenho o mesmo cenário inicial, e procuro manter toda aquela mesma ilogicidade lógica, e também o mesmo absurdo. Apenas o desespero vai mudando e assumindo outros meios de se expressar, e outras formas dentro dos personagens. Um trabalho não muito extenso, mas, todavia, denso: uma continuação, nada mais do que isso.

Kyôo Outubro de 1981

CONTINUAÇÃO DA PEÇA ANTERIOR QUE NÃO TERMINA

MESMO ATO:

(O SLIDE PROJETADO) (A CRIANÇA ENFORCADA) (ENTRA NUM VOLUME ALTÍSSIMO A MÚSICA "AFTERGLOW" DO GENESIS NA SUA VERSÃO AO VIVO DO DISCO "SECONDS OUT") (A LUZ É UMA EXPLOSÃO DE FACHOS COLORIDOS ISOLADAMENTE COLOCADOS SOBRE PERSONAGENS MUITO BEM MARCADOS) (A LUZ É NO COMPASSO DA PRÓPRIA MÚSICA) (AZUIS BRILHANTES, VIOLETAS, VERMELHOS VIVOS, VERDES SUFOCANTES) (O MOMENTO É MÁXIMO E SUBLICME) (O MOMENTO É MÁGICO) (SURGE NO FUNDO DO PALCO UM SER ESTRANHO, UNIFORMIZADO DE BRANCO QUE, DE COSTAS PARA O PÚBLICO, TOCA UM ÓRGÃO GIGANTESCO ONDE BONECOS VIVOS SE SACODEM) (O SLIDE CONTINUA PROJETADO SOBRE SUAS COSTAS BRANCAS MOSTRANDO AQUELA FACE TRISTE E HORRÍVEL E MUTILADA DAQUELA CRIANÇA SEMI-DESTRUÍDA) (JOKA AOS POUÇOS ASSUME A POSIÇÃO INICIAL DE ZEKA NO INÍCIO DO ESPETÁCULO) (ZEKA - E O DIRETOR QUE QUEBRE A CABEÇA - ZEKA DISSOLVE-SE ANTE A INFINIDADE DE SEUS MEMBROS) (A MULHER A TREMER E A TREMER) (SURGEM ENTÃO AS ALMAS COMO PARAFUSOS PARA LEVÁ-LA ANTE A UM MUNDO QUE NÃO ERA DOS SEUS SONHOS - ELA É TORTURADA, ELA É AGREDIDA, ELA É SEVICIADA EM CENA) (SEM QUERER MENOSPREZAR A CRIATIVIDADE DE CADA UM, EU DIRIA QUE OS PARAFUSOS SÃO MECÂNICOS, AUTÔMATOS E CONVERSAM ENTRE SI ATRAVÉS DE BIPS) (A MULHER É TRANSFORMADA NUM PARAFUSO) (UMA GIGANTESCA SERINGA DESCE DO TETO E INJETA NA CABEÇA DE ZEKA UM RUÍDO ESTRANHO, UM LÍQUIDO ESTRANHO) (A MÚSICA ATINGINDO O SEU AUGE PROVOCA ACORDES MONSTRUOSOS NO ÓRGÃO GIGANTE ONDE OS BONECOS SE MOVEM) (O ESTRANHO SER QUE EXECUTA A SINFONIA É UM ÊXTASE DE LOUCURA) (DO NADA SURGE UMA MESA COM QUATRO CADEIRAS SERVIDA COM PÃO E VINHO) (O SLIDE DESAPARECE AOS POUÇOS DAS COSTAS BRANCAS DO ESTRANHO SER UNIFORMIZADO) (A MÚSICA CHEGANDO AO SEU FIM LIBERTA A VOZ CONGELADA DE JOKA) (A VOZ CONTURBADA DE JOKA; E A MULHER DESAPARECE DE CENA) (OS PARAFUSOS ACERCAM-SE DA MESA)

JOKA: (EM MEIO A TROVOADAS, SURGINDO COMO SE FOSSE UMA NUVEM :  
OU UM FUMALHA) (BAIXINHO)

Zeka! Zeka! (GRITANDO) ZEKAAAAAAA!

Minha mente abre-se como um gigantesco paraíso crepuscular, para mostrar-lhes, aos poucos, os longos espaços perdidos entre os abismos do sonho - e eu perdi - e para tocar-lhes a palavra dura e triste por entre as vossas veias de vossos corpos antagônicos e ouvir de vossas bocas suplicantes a suplicarem pelo calor de vossas mentes para vos ouvir a falar e a dizer de toda a inverdade a fluir de vossos parasitas enquanto falais. E tocar em vossos olhos falsificados. E tocar em vossos corpos falsificados. E tocar em vossas vozes censuradas e em vosso estômago cheio de mentiras. E então olhar-lhes e dizer-lhes que a liberdade corre sobre o meu corpo feito o meu sangue que sangra e saber que nenhum de vós poderá jamais atormentar-me e ter a plena certeza de existir e ter a minha capacidade colocada perante a vossa própria incapacidade - livre - sem o terror dos cotidianos aumentando. Sem vossas palavras e sem vossa língua. Sem mesmo o nojo que eu tinha de vossas pernas putrefeitas, nem mesmo o ódio de vossos olhos, o esgar do ódio. Ser vivo - Inumano - Livre - sentado na pedra eu podia vê-los tão perto com suas faces esbugalhadas e espantadas. Eu podia amá-los, ali, ao tomarem consciência de vossas próprias existências. Era bom vê-los chorar, e imaginar então, que vossas almas tomassem um novo rumo. (MUDANDO DE TOM) Meus olhos tocam agora a percepção do caos nessa longa noite sem fim: longas: longas são as horas perdidas por entre essas ruas em trevas. Os intermináveis momentos que procuramos não mais existem. Restam-mos apenas os susp iros do tempo a murmurar os seus murmúrios.

Zeka! Zeka! (GRITANDO) Zekaaaaaa!  
Foi tudo mentira, Zeka! Foi tudo mentira!  
Isso tudo é uma ilusão, Zeka!  
Eles estão nos matando, Zeka!  
Eu não consigo te ver, Zeka! Eu não  
consigo te ver. Nós precisamos viver, Zeka!  
Nós precisamos lutar, Zeka!  
Nós precisamos vencer.

(O PARAFUSO DÁ UMA GARGALHADA GIGANTESCA)

Por favor, Zeka! Nós vivemos?!

PARAFUSO: Atenção senhores!

ZEKA: Joka!

JOKA: Zeka! Zeka! Ouvi bem?!

ZEKA: Joka! Aqui, Joka!

JOKA: Aqui? Onde?

PARAFUSO: E atenção senhores!

ZEKA: Aqui, Joka! Na pedra!

JOKA: Eu não te vejo, Zeka!

ZEKA: Nem eu, Joka! Nós estamos cegos.

PARAFUSO: E atenção, senhores, para o juramento ao grande monumento!

ZEKA: Hei! Joka! Tem gente falando!

JOKA: Eu sei idiota! Só que eu não sei aonde é que eles estão!

ZEKA: Eles quem?

JOKA: Os donos da voz, pôxa!

ZEKA: É mesmo...

PARAFUSO: Que a serviço apresente-se.

(SAEM DUAS ALMAS PARA TRAZEREM A SERVIÇO)

ZEKA: Joka! Joka!

JOKA: O que é, Zeka?

ZEKA: Aonde será que eles estão?

JOKA: Eu não sei, Zeka!

ZEKA: Eu acho que eles estão no céu.

JOKA: Acho difícil.

ZEKA: Por quê?

JOKA: Você já viu o céu?

ZEKA: Já!

JOKA: Hoje?

ZEKA: Hoje!

JOKA: E como é que ele está?

ZEKA: Azul!

JOKA: Então?!

ZEKA: É mesmo! Não tem ninguém lá em cima, Joka! (OLHA O CÉU :  
MAIS DETIDAMENTE) É, mas e aquela fumacinha lá em cima, o  
lha só! Olha só!

JOKA: Aonde?

ZEKA: Lá em cima, ó!

JOKA: Ah! Não é nada!

ZEKA: Não?!

JOKA: É só uma poluiçãozinha!

ZEKA: Poluição?!  
(ENTRAM AS ALMAS COM A SERVIÇAL)

PARAFUSO: Serviçal: um passo a frente! (SERVIÇAL OBEDECE)

ZEKA: Mas Joka, não é uma poluição que está falando?

JOKA: Não, Zeka!

ZEKA: Não?!

JOKA: É um imperador!

ZEKA: Imperador?! Puxa!!!

JOKA: Fica quieto, pô!

PARAFUSO: Serviçao, estás pronta para o juramento ao grande mo-  
numento?

SERVIÇAL: Sim, meu senhor e amo! Meu salvador!

ZEKA: Desculpe, Joka!

JOKA: Psiuu!

PARAFUSO: Pois muito bem, senhores. Levantem-se e fiquem de ...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

frente para o monumento. (O MONUMENTO É UMA BOMBA DE GASOLINA)

ZEKA: E agora, Joka?

JOKA: Se levanta, se levanta!

PARAFUSO: Levantem o vosso braço direito!

ZEKA: Aonde é que é o monumento, Joka?

JOKA: Eu não sei... Eu acho que é aquilo lá.

ZEKA: As bananas?

JOKA: Isso!

PARAFUSO: Serviçal, repita comigo!

ZEKA: Rápido, Joka!

PARAFUSO: Juro, (A SERVIÇAL, ZEKA E JOKA REPETEM) pela minha honra seguir sempre os preceitos a mim ensinados, executando com carinho e concordância todas as ordens que me forem dadas, obedecendo sempre os preceitos a mim ensinados e fazendo todo o possível para o bem estar de meus superiores; sempre e sempre, sem jamais reclamar e sem jamais pensar em greves, esquecendo imperiosamente o passado, e lutando com todas as minhas forças por um futuro melhor para mim, para minha sociedade e para meus superiores, tendo sempre a certeza de que com minha morte alcançarei a vida eterna, quando então a graça de Deus me permitirá que sirva eternamente aos superiores do passado!

(PAUSA)

Muito bem! (PALMAS E ABRAÇOS MESCLADOS COM INTERJEIÇÕES DE ALEGRIA) (ZEKA E JOKA TAMBÉM SE ABRAÇAM)

ALMA I: Hei! Grande Mestre! Eles também fizeram o juramento.

PARAFUSO: O quê?

ALMA II: Sim! E fizeram para as bananas!

(COM EXPRESSÃO DE HORROR) São macacos!

ALMA III: Macacos!

ALMA I: Maca...!

PARAFUSO: Ma...!!! (RECOBRANDO-SE)

JOKA: Zeka?!

ZEKA: Sim?!

JOKA: Cagou!!!

PARAFUSO: Vejamos, então! Macacos, aproximem-se!

ZEKA: E agora, Joka?

JOKA: Psiuu! Calma, Zeka! (PARA O PARAFUSO) Sim, grande mestre!

PARAFUSO: Macacos, aproximem-se

JOKA: Sim, grande mestre!

PARAFUSO: Macacos, aproximem-se!

JOKA: Sim, grande mestre!

PARAFUSO: Aproximem-se, porra!

JOKA: Mas para onde?

PARAFUSO: Para aqui, na mesa!

JOKA: Que mesa?

PARAFUSO : Como?!

JOKA: Nós não conseguimos enxergá-lo, Senhor!

ALMA III: São viciados!

ALMA II: Viciados!

ALMA I: Vicia...!

PARAFUSO: Vi...!

ZEKA: Joka?!

JOKA: Sim?!

ZEKA: Cagou!!!

PARAFUSO: Serviçal, encaminhe os macacos viciados até minha presença!

(SERVIÇAL LEVA ZEKA E JOKA ATÉ A MESA)

Muito bem! Muito bem! Então o que é que vocês me dizem disso...?! Nada, Hein? São mudos, então!

ZEKA: Não, senhor!

PARAFUSO: Quer dizer que além de macacos e viciados ainda são mudos... E como estão quietos, hein? Até parece que estão com medo!!!

ZEKA: Senhor, a gente não ficou mudo não!

Tentro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PARAFUSO: Silêncio!!! Quem sabe se vocês ficaram ou não sou eu!!!  
Mas muito bem, serviçal, faça com que eles fiquem a  
vontade enquanto tomamos com calma o frugal repasto  
que nos foi servido.

(SERVIÇAL FAZ COM QUE ZEKA E JOKA TOMEM ASSENTO NO  
CHÃO, DISTANTES DA MESA)

PARAFUSO: (PARA AS ALMAS) Senhores, por favor, queiram tomar seus  
lugares, sim! (PAUSA) Como dizia Jesus Cristo...

ZEKA: Joka, eles são cristãos!

JOKA: Cala a boca, idiota!

PARAFUSO: ..!Este é o meu corpo quebrado por vós na cruz do Cal  
vário. Comi dele todos e fizeti isto toda a vez em  
que o comedes em memória de mim...

ZEKA: Joka, vai ver que ele é o Papa!

JOKA: Psiuuuu!!! Fica quieto!

PARAFUSO: (PEGA O CÁLICE) Este é o meu sangue derramado por vós  
na cruz do Calvário. Tomai e bebei dele todos, e fa-  
zei isto todas as vezes em que o beberdes em memória  
de mim.

ZEKA: Pôxa, Joka! Que cheirinho gostoso!

JOKA: Calma, Zeka!

ZEKA: Joka!

JOKA: O quê?

ZEKA: Eu estou com fome!!

JOKA: E daí?

ZEKA: O que será que eles estão comendo?

JOKA: Eu não sei!

ZEKA: Tem um cheirinho de mingau de maizena!

JOKA: Ô, Zeka! Fica quieto!

ZEKA: O que será que eles estão comendo, Joka?

JOKA: Como é que eu vou saber, porra?

ZEKA: Perguntando, ora!!!

JOKA: Então, porque tu não pergunta?

ZEKA: É mesmo!!! (PAUSA) Ó prezado senhor Exmo. Grande Mestre?  
Poderia proferir algumas poucas palavras inquiridoras? !!!  
(PARA JOKA) Que educação a minha, hein, Joka?

PARAFUSO: Sim...

ZEKA: O que vocês estão comendo?

PARAFUSO: Pão!

ALMA I: Pão!

ALMA II: Pão!

ALMA III: Pão e Vinho!

ZEKA: Mas é pão quentinho, não é?

PARAFUSO: Serviçal?!

SERVIÇAL: Sim, meu senhor!

PARAFUSO: Faça com que estejam calados enquanto terminamos, com calma, esta refeição que nos foi servida.

(SERVIÇAL TENTA FAZER COM QUE ZEKA FIQUE QUIETO)

(APÓS ALGUM TEMPO)

ZEKA: Mas isso não é justo!

JOKA: Fica quieto, Zeka!

ZEKA: Mas isso é injusto!

JOKA: Fica quieto, Zeka!

ZEKA: Mas é uma injustiça!!!

JOKA: O que é uma injustiça, Zeka?

ZEKA: Eles ali, comendo! E nós aqui, com a barriga roncando!

JOKA: Por quê?

ZEKA: Eu tô com fome, Joka!

JOKA: Eu também, Zeka!

ZEKA: E então?!

JOKA: É injusto!

ZEKA: Eu não disse?

JOKA: Disse!

ZEKA: É injusto!

JOKA: Injustiça!

ZEKA: Injustiça!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-033

JOKA: E o que é gente vai fazer, Zeka?

ZEKA: O que a gente vai fazer? Perguntar, ora!

JOKA: Perguntar?! Mas perguntar o quê?

ZEKA: Eu não sei!

JOKA: Nem eu!

ZEKA: Não! Não! Eu já sei! (PARA O PARAFUSO) Sr., poderia pro-  
ferir maais algumas palavrinhas?

PARAFUSO: Sim?!

ZEKA: Está gostoso o frugal repasto que vocês estão pastando?

PARAFUSO: Sim. Por que não haveria de estar?!

ZEKA: Por nada! Mas o que é mesmo que vocês estão comendo?

PARAFUSO: Pão!

ALMA I: Pão!

ALMA II: Pão!

ALMA III: Pão e Vinho!

ZEKA: Mas e o povo de que se alimenta?

PARAFUSO: O povo não se alimenta. O povo se ilude.

ZEKA: Mas se ilude com o quê?

PARAFUSO: Com o sagrado líquido das serpentes...

ZEKA: Com o quê?

PARAFUSO: Com petróleo... E agora chega, rapaz... Cala sua bo-  
ca e limitem-se, você e o seu amigo, a responderem  
às minhas perguntas.

ZEKA: Pois não, meu senhor!

JOKA: Sempre alerta!

PARAFUSO: Silêncio!

ZEKA E JOKA: Sim senhor!

PARAFUSO: Que dizer que vocês não nos enxergam, não é?!

JOKA: Não!

PARAFUSO: Que vocês não enxergam nada?

JOKA: Exatamente, senhor!

PARAFUSO: Muito bem, pois então nós iremos purificá-los! Servi-  
çal, traga o líquido sagrado!!!

SERVIÇAL: Pois não, Senhor! (SAI)

PARAFUSO: Não se preocupem que é rápido e completamente indolor.

ZEKA: O que será, Joka?

JOKA: Não sei, Zeka!

(VOLTA A SERVIÇAL COM UMA LATA DE ÓLEO EM UMA BANDEJA) (O PARAFUSO EMBEBE UM PANO NO ÓLEO)

PARAFUSO: Agora, meus jovens, queiram fazer o favor de fechar os vossos cegos olhinhos que eu vou limpar de vós todas essas macaquices que vós andastes aprontando.

(OS DOIS FECHAM OS OLHOS) (SUJA O ROSTO DOS DOIS DEIXANDO-OS IMUNDOS)

PARAFUSO: Capelão!

ALMA II: Sim, meu senhor?!

PARAFUSO: Pronuncie as palavras mágicas!

ALMA II: Pois não, meu senhor! (AJOELHA-SE EM DIRAÇÃO AO MONUMENTO) Allah! Allah! Oh! Allah de Maomé, que estes dois tenham mais fé! (REPETE UMA SEGUNDA VEZ E QUANDO VAI REPETIR A TERCEIRA, LEVA UMA PANCADA DO PARAFUSO QUE DIZ:)

PARAFUSO: Chega! (PAUSA) Podem abrir os olhos. (OS DOIS ABREM OS OLHOS E OLHAM ESPANTADOS PARA O PARAFUSO - DISFARÇAM RISOS) E então?! Gostam do que estão vendo? (OS DOIS OLHAM DOS PARAFUSOS PARA O PÚBLICO E DO PÚBLICO PARA OS PARAFUSOS; DESATAM-SE A RIR) Não adianta, são irrecuperáveis. Serviçal, leve-os para o calabouço. Em breve veremos o que fazer com eles! (APLAUSOS DOS OUTROS PARAFUSOS) (SERVIÇAL SAI LEVANDO ZEKA E JOKA) Por favor, senhores, queiram manter silencioso respeito enquanto pronuncio sábias palavras. (PIGARRO) (POSE DE DISCURSO) Meus concidadãos, amados burocratas de nossa terra, e de nossa tão bem e sutilmente desenvolvida nação...

ALMAS: (COMO SE ESTIVESSEM APLAUDINDO E OVACIONANDO) Barriga!

cheia! Barriga cheia!

PARAFUSO: ... este é o estado em que hoje se encontra a nossa juventude, a nossa bela e valorosa juventude!

ALMAS: Papagaios! Papagaios!

PARAFUSO: Sim, o estado deplorável em que hoje se encontram aqueles para os quais nós construímos este gigantesco estado de coisas e mais coisas...

ALMAS: PaRaLeLePípedos!

PARAFUSO: Uma cambada de macacos! Uma cambada de viciados! Um amontoado de vagabundos!

ALMAS: Ópio! Ópio! Ópio!

PARAFUSO: Isto que vocês viram, hoje, frente a frente às vossas faces, nada mais é, queiramos ou não, uma realidade incontestável!

ALMAS: Pintassilgo! silgo! silgo!

PARAFUSO: E se algum de vocês perguntar-lhes que estiveram vendo, lhes dirão simplesmente que estiveram a ver estrelas!

ALMAS: Sputnik! nick! nick!

PARAFUSO: Uma corja de alienados, isto sim! Parcela abjeta de excrementos anti-sociáveis, por que não dizer? E ainda bradam por liberdade, por igualdade e justiça social! Como?! COMO??

ALMAS: Emprego! Prêgo! Prêgo!

PARAFUSO: É um absurdo!!!

ALMAS: Muito bem!

PARAFUSO: O quê seria da nossa vida sem o povão? o que seria da nossa fartura sem o requeijão?

ALMAS: Nádegas! Nádegas!

PARAFUSO: Pintassilgo!

ALMAS: Pintassilgo!

PARAFUSO: PALMAS!

ALMAS: Clap! Clap! Clap! (PAUSA) Clap! Clap! Clap!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PARAFUSO: E quando chegar a época das próximas eleições...

AIMAS: Clap! Clap! Clap!

PARAFUSO: Eu prometo que sairei prometendo todas as promessas que já prometi antes, como também lhes garanto que nenhuma delas será cumprida!

AIMAS: Democracia! Cia! Cia!

PARAFUSO: Obrigado! Obrigado!

AIMAS: Clap! Clap! Clap!

PARAFUSO: Obrigado! Obrigado!

AIMAS: Cóf! Cóf! Cóf!

PARAFUSO: Obrigado! Obrigado!

AIMAS: Clap! Clap! Clap!

PARAFUSO: Mas agora, meus senhores; por favor, exponham as suas idéias: que destino dar a esses macaquinhos que hoje, aqui na nossa frente se apresentaram?

ALMA I: Cadeia!

ALMA II: Cadeia!

ALMA III: Cadeia!

PARAFUSO: E que mais meus amados parasitas da democracia?

ALMA I: A morte!

ALMA II: A morte!

ALMA III: A morte!

PARAFUSO: Que assim seja feito.

(APLAUSOS)

Muito bem, senhores: mas de que maneira iremos executá-los!???

ALMA I: Eu tenho uma idéia, senhor!

PARAFUSO: Pois não!

ALMA I: Poderia exprimi-la! Talvez fosse do interesse da maioria?

PARAFUSO: A vontade, meu amigo, a vontade...

ALMA I: Eu proponho que se faça um banquete... Dizem que carne é um bom alimento!!! (NOVOS APLAUSOS, E CONGRATULAÇÕES E ELOGIOS)

PARAFUSO: Muito bem, senhores! Então nos apressemos a dar conta de nossas tarefas diárias, (AGITAM-SE) para que a noite possamos dar início a este maravilhoso festim!(A LUZ VAI SAINDO)E agora, como encerramento ' desta reunião matutina eu lhes pergunto: qual é a ' nosso supremo dever neste mundo?

ALMAS: Nenhum. Nós coçamos o saco!

PARAFUSO: Muito bem! Ao trabalho senhores!

(ESCURO, APENAS UM PEQUENO FOCO REDUZIDO ILUMINANDO A ALMA III QUE TRAZ EM SUAS MÃOS UMA REVISTA DE FOTOS PORNOGRÁFICAS)

ALMA III: Eu admiro muito o senhor Grande Mestre Supremo de ' Todos os Parafusos! Ele é um hábil político e um excelente administrador: um perfeito homem público!

PARAFUSO: (OFF) Ah! Lembro-lhes: não se masturbem durante o ' serviço!

(BLACK-OUT)

(A LUZ VOLTA A ACENDER-SE , LENTAMENTE, NUM DOS CANTOS DO CENÁRIO, ILUMINANDO JOKA)

JOKA: Vocês sabem: houve um momento em que eu pensei que tudo tinha acabado, e que o mundo tinha deixado de existir, ' e que as pessoas tinham deixado de existir, e que eu estava sozinho. É verdade que nessa época eu vivia apenas entre as estrelas e mergulhado no meio delas. Não tinha amigos, e talvez eu mesmo pensasse que era um profeta ' vindo dos cosmos, um novo messias de uma nova era. O ' que eu sei, na verdade, é que eu estava cercado de traidores, que me piscavam seus olhos e me diziam "ROM, ROM" um ruído profundo e leitoso vindo de dentro de suas engrenagens e parafusos oleosos.

ZEKA: Eu procurava ao redor e olhava! (A LUZ COMEÇA A SER ACE SA EM UM OUTRO CANTO, SAINDO APÓS A QUE ILUMINAVA JOKA) Eu tentava entender o que existia por detrás daquelas ' vestes frias que se agitavam, por detrás daquela massa '

disforme de seres que caminhavam. (AS ALMAS, DE BRANCO, E COM UM IMENSO LENÇOL TAMBÉM BRANCO, ILUSTRAM A CENA SOB O EFEITO DE LUZES NEGRAS ADATADAS A REFLETORES) E elas passavam a minha frente como nebulosas, e era como se uma suave e triste neblina estivesse envolvendo aquelas pessoas que se contorciam junto ao poste. Era uma luz tão distante, a que clareava seus rostos enegrecidos, que eu não podia distinguir onde seus ossos e peles tinham se espalhado. Era como se esqueletos vivos estivessem dançando um ritual ante ao alvorecer de uma noite infindável. E o mercúrio era uma lâmpada seca que batia parada no ar, como o coração de suas veias. (AS ALMAS DESPEM-SE DO ROUPÃO BRANCO, E COM O LENÇOL ENVOLVEM ZEKA, LEVANDO-O PARA O LADO DA MESA, PARA DEVORÁ-LO, OU MELHOR, COM A INTENSÃO DE DEVORÁ-LO)

JOKA: E eu sentia que os meus sonhos eram peças imóveis dentro da minha solidão que principiava a crescer. Era como se todas as coisas tivessem agora um sentido: o sentido de não ter sentido. Era como se todas as coisas estivessem morrendo. Morrendo agora para não mais ter aquela mesma sensação de abandono que eu tinha quando me olhava no espelho e me sentia parado. E era exatamente essa a imobilidade móvel que me entristecia, e era exatamente essa: a mecanização da vida, que me revoltava. E então eu pensava naquilo que via, e pensava naquilo que gostaria de ver. Estava louco, e louco eu caminhava pelos meus próprios caminhos: os paraísos crepusculares daquilo que seria uma vida tranquila: muito distante do mundo: o interior no meu cérebro: um pulso: um gemido: uma tentativa anônima de viver embora o ciclo inconstante da terra me chamasse de volta ao inútil cotidiano das coisas. (SAI DA LUZ SENDO SUBSTITUÍDO POR ZEKA) (ENQUANTO ISSO AS ALMAS DEVORAM O QUE SERIA O CORPO DE ZEKA)



ZEKA: Eu sei que um dia eu teria que voltar e ver de tudo outra vez. Eu sei que um dia eu teria que beber novamente de todas as águas, de todas as fontes, de todos os mundos. (COMEÇA A AUMENTAR O RUÍDO DAS AIMAS A DEVORAREM O CORPO FICTÍCIO DE ZEKA: PEDAÇOS DE OSSOS) Eu sei que um dia eu teria que ceder, e deixar de ser aquela espécie de sonho que eu realmente era. Eu sei que um dia eu teria que deixar de existir. Eu sei que um dia eu teria que pousar e aceitar ser destruído lentamente pelas barreiras diurnas. Mas por quê? Por que esse interminável abismo do tempo a nos exigir um pouco mais a cada dia, e a nos destruir a cada instante um segundo a mais? Por quê?

JOKA: Eu não te vejo, Zeka!

ZEKA: Nem eu, Joka! Nossas vidas passaram sem que as vissem; e nós, aos poucos, também nos esquecemos de tudo.

(ZEKA PEGA UM VIOLÃO E DEDILHA ALGUMAS NOTAS. JOKA APROXIMA-SE E SENTA AO SEU LADO, SÓ QUE DE COSTAS) (CANTAM)

ZEKA E JOKA: (AO REVOAR DOS HINOS)

Que queres ouvir  
da voz que se foi  
ao som do vento.  
Que queres escutar  
e me dizer do seu sossego  
um ritual no ar  
um envolvimento  
em cada ser  
um pleno sentimento  
Da terra toma-se a esperança  
sob o céu, sobre a luz, sob as estrelas  
Desta terra amarga em que nos temos  
e a nossa lua pura navegando  
Através de nossos longos e enevoados hinos  
Pelo chão, por todos e cada um,  
Pela terra amarga em que nos temos

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Liberdade...

(ÚLTIMO ACORDE)

ZEKA: Sabe, Joka?!

JOKA: O quê?

ZEKA: Eu estava pensando...

JOKA: Pensando em quê, Zeka?

ZEKA: Pensando que deveria haver alguma coisa que a gente fizesse para que a gente saísse daqui, que não fosse morrendo.

JOKA: Sim...

ZEKA: Que deveria haver algum mundo onde a gente pudesse viver, entende? E onde a gente pudesse enxergar um ao outro, para que pudéssemos viver, porque agora eu estou entendendo, Joka! Tudo isso tudo era uma espécie de prisão e que não mudou e que continuará eternamente assim, fechada e sem portas...

JOKA: Eu sei, Zeka!

ZEKA: Joka?! Por que que a gente foi preso?

JOKA: Eu não sei, Zeka!

ZEKA: Por que, não?

JOKA: Porque eles não me disseram!

ZEKA: Mas eu sei!!!

JOKA: Então por que que tu está perguntando?

ZEKA: Era prá ver se tu sabias. Uuh! Uh! Tu não sabe! Tu não sabe! Bobão!!!!!!

JOKA: Pára, Pô!

ZEKA: Desculpe, Joka!!!

JOKA: Tudo bem.

ZEKA: Por que que a gente foi preso?

JOKA: Eu não sei, Zeka! Já falei, pôxa!

ZEKA: não sabe?

JOKA: Não!

ZEKA: Não mesmo?!

JOKA: Não!

ZEKA: (RI) Ri! Ri! Ri! Ri! A gente foi preso porque a gente é

macaco. Ri! Ri! Ri! Macaco e viciado!

(ZEKA RI AOS MONTES E JOKA PERMANECE SÉRIO)

( A PARA DE RIR)

JOKA: E acredita nisso?

ZEKA: Não, o quê, Joka?

JOKA: Que gente é viciado?!

ZEKA: Não.

JOKA: É que a gente é macaco?!

ZEKA: Não!

JOKA: Então tu tá rindo de quê?

ZEKA: Não sei!

JOKA: De idiota!!!

ZEKA: De idiota. (PAUSA CURTA) Não, não, eu não estou rindo de idiota?

JOKA: Então, de quê?

ZEKA: É que eu achei que a gente não tinha nada a fazer; e então eu pensei que seria bom eu rir um pouco para alegrar o ambiente...

JOKA: Só que não alegrou, Zeka!

ZEKA: Desculpe...

JOKA: Não, Zeka! Não precisa desculpas. Eu acho que de certa forma tu também estás certo: que rir seria uma boa coisa. A questão é que eu não vejo lá muita diferença entre rir ou chorar nessa situação!!!

ZEKA: É verdade...

JOKA: Se houvesse ainda alguma lógica dentro disso tudo, mas não existe.

ZEKA: É, não existe!

JOKA: Eles nos perguntam coisas, eles nos dizem coisas, eles nos dão coisas para fazer, mas eu não encontro sentido nesse monte de coisas. Não há nada, entende?

ZEKA: É... eu entendo.

JOKA: Você é um macaco, Zeka!

ZEKA: Não!

JOKA: Você é um viciado, Zeka!

ZEKA: Não!

JOKA: Então o que você é?

ZEKA: Eu?!... Eu sou um mísero pó de asteróide de estrelas de compostas que tenta brilhar no meio de um lugar sem luz. Que traz a semente da fé: a fé na existência e na amarga luta do homem pelo pão de cada dia; para que seja um fluido a escorrer nas calçadas, alimentando os incultos, inculcando o amor nos odiosos, e aprendendo a amar também a mim próprio.

JOKA: Eu concordo contigo.

ZEKA: Você também é assim, não é, Joka?

JOKA: Sim!

ZEKA: Sabe, Joka! Às vezes eu penso que você não é!

JOKA: Por quê?

ZEKA: Porque você é tão meticuloso, tão frio nas suas idéias, tão convicto nas suas convicções...

JOKA: Eu não sei, Zeka! Eu acho que cada louco tem a sua mania, e a sua própria loucura que lhe seja própria. O importante reside exatamente nisso, eu creio: que cada um viva de acordo consigo mesmo, e sem temer as ações e os motivos daqueles que nos proíbem.

ZEKA: Eu não consigo te ver, Joka?

JOKA: Nem eu, Zeka!

ZEKA: Será que é preciso?

JOKA: Eu creio que não!

ZEKA: É... eu também creio que não; que não precisa.

(COMEÇA A SER ESCUTADA UMA MARCHA, UM RUFAR DE TAMBORES)

O que é isso, Joka?

JOKA: Isso o quê, Zeka?

ZEKA: Os tambores...

JOKA: Os tambores?!

ZEKA: É... Olha só... Escuta.

(TAMBORES MAIS FORTES)

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226-9242 - CEP 90020-025

JOKA: São os soldados.

ZEKA: O quê?!

JOKA: São os soldados marchando...

ZEKA: Aonde?

JOKA: Ali, na janela, Zeka!

ZEKA: Por que é que eles estão marchando?

JOKA: Eles devem estar indo para a guerra, lutando.

ZEKA: É...

JOKA: A guerra deve ter começado e eles estão indo morrer e matar algumas pessoas enquanto morrem...

ZEKA: E eles gostam disso, Joka?

JOKA: Não, Zeka! Eu creio que não!

ZEKA: Mas então por que é que eles vão?

JOKA: Por que são mandados.

ZEKA: Por quem?

JOKA: Superiores!

ZEKA: Superiores?!

JOKA: É... Superiores!

ZEKA: Mas e por que é que eles obedecem?

JOKA: Por que não tem cérebro, Zeka!

ZEKA: Coitados!!!

(TROAR DE UMA EXPLOÇÃO) (BARULHO DE AVIÕES)

E isso, Joka?

JOKA: São as bombas. (PAUSA) Olha lá!

ZEKA: Aonde?

JOKA: Lá... os tanques...

ZEKA: Os tanques!!!

JOKA: Olha só as línguas de fogo que eles soltam, Zeka!

ZEKA: Como é bonito, Joka!

(EXPLOÇÃO MAIS FORTE) (CLARÃO)

JOKA: Você está vendo?

ZEKA: Estou!

JOKA: Olha só quantos mortos!

ZEKA: Pôxa, Joka! Por que será que eles fazem isso?

JOKA: Por causa do ódio, Zeka!

ZEKA: Do ódio?! Que ódio?!

JOKA: De um ódio muito bem organizado que comanda este planeta, Zeka!

ZEKA: Por que, Joka?

JOKA: Eu não sei, Zeka! Eu não sei!

ZEKA: O que é o amor, Joka? (PAUSA)

JOKA: Eu não sei, Zeka! (PAUSA)

ZEKA: Eu amei uma vez, Joka!

JOKA: Sim...!

ZEKA: Sabe?! Foi há muito tempo atrás...

JOKA: Sim!

ZEKA: Naquela época eu ainda era um garoto e gostava de todas as aquelas proezas...

JOKA: Como assim, Zeka!

ZEKA: Eu costumava estar sempre viajando... Eu costumava andar sempre de um planeta a outro... Eu costumava. E como era bom viajar... Estar ali, perdido, sozinho no meio do espaço, e do meio no espaço sentindo-se vivo. Puxa... Como era legal, Joka!

JOKA: Eu sei...!

ZEKA: Eu a conheci num dia em que eu arrecem tinha voltado de uma dessas viagens. Ela estava sentada embaixo de um viaduto e olhava com aquele olhar distante, aqueles longos carros longos que passavam... Sabe, Joka? Ela parecia-se algo assim como... uma estátua! Uma estátua...

JOKA: Equestre!

ZEKA: Não, Joka! Não Bagunça, Pô! Ela parecia uma estátua viva, entende. Ela parecia a arte e tinha todo um sentimento extremamente puro brilhando aceso no brilho dos seus olhos; Era a obra pequena e frágil de um ser supremo a sobreviver naquele corpinho que respirava, comandado por aquele cérebro que pensava coisas lindas... (PAU

SA) E era linda; (PAUSA) e eu sentei ao seu lado e fiquei também olhando para aquela rua cheia de carros que corriam. (A LUZ VAI SAINDO AOS POUCOS, FICANDO APENAS UM FOCO A ILUMINAR ZEKA) (JOKA SAI DE CENA, NO ESCURO, É SUBSTITUÍDO PELA MULHER QUE FARÁ O PAPEL DE INFÂNCIA) Não sei quanto tempo eu fiquei ali parado do seu lado, e olhando os carros que passavam sem passado e sem destino, e então ela disse:

(LUZ SOBRE INFÂNCIA)

INFÂNCIA: Eu sou Infância, e estou aqui sentada a olhar os carros.

ZEKA: Eu estava caminhando, e te vi! O meu nome é Zeka, e voltei de viagem hoje.

INFÂNCIA: Você não tem nada para fazer?

ZEKA: Não! E você?!

INFÂNCIA: Também não... É por isso que eu fico aqui...

ZEKA: Sim!

INFÂNCIA: E você?

ZEKA: Eu também... Eu também não tenho nada, entende? Porque eu me sinto vazio!

INFÂNCIA: Eu sei... (PAUSA) Eu estava pensando em morrer...

ZEKA: Sim...

INFÂNCIA: Se eu atravessasse essa rua eu estaria morta.

ZEKA: Eu sei. (PAUSA) Você não chegaria ao outro lado.

INFÂNCIA: Eu sei... Eu morreria!

ZEKA: E nunca mais você iria sorrir!

INFÂNCIA: E nem chorar, e nem rir! "A paz, a felicidade e o amor não tem menos valor pelo fato de não serem eternos" (B. RUSSEL)

ZEKA: Nós todos morremos um pouco a cada dia! Cada segundo que passa é alguma coisa importante.

INFÂNCIA: Mas importante pra quê?

ZEKA: Eu não sei, Infância!

INFÂNCIA: Eu vou morrer, Zeka!

ZEKA: Eu sei! Um dia... Todos nós...!

INFÂNCIA: Eu vou me matar, Zeka!

ZEKA: Não, Infância! Não faz isso...

INFÂNCIA: Por que não?

ZEKA: Faz mal prá saúde!

(ABRAÇAM-SE ENQUANTO RIEM)

(REPETE-SE A MESMA MOVIMENTAÇÃO DE LUZ PARA EFETIVAR-SE A TROCA DE POSIÇÃO ENTRE A MULHER E JOKA)

ZEKA: Foi essa a primeira vez que a vi, e esse foi um dos dias mais belos de toda a minha vida! E nós ficamos juntos durante quase dois anos, Joka! Sabe o que é isso? Quase dois anos!!!

JOKA: E o que aconteceu, Zeka?

ZEKA: Ela se foi, só isso...

JOKA: Desculpe, Zeka!

ZEKA: (REANIMANDO-SE) Não, Joka! Tudo bem!! Parece um exemplo de tragédia grega, não?

JOKA: Não, Zeka! De cotidiano urbano, só isso!

ZEKA: Eu sei. (PAUSA LONGA)

(LENTAMENTE COMEÇAM A CANTAR "LIBERTAR", ENQUANTO QUE UM SLIDE ILUSTRATIVO DA CIDADE COMEÇA A SER PROJETADO)

ZEKA E JOKA: Vamos de encontro ao nosso mundo  
pensando em algo - algo mais  
nada além do horizonte  
um tanto mais perto da paz.

Meu sangue, meu povo  
meu canto vem alvorear  
sol de uma nova era  
primeiros instantes  
do seu despertar.



Um grito contido no instante  
Entre o suor do trabalho, confiante  
como panelas vazias, na rua  
lutando, prá libertar.

JOKA: (FALANDO) (Jõao da Silva  
morreu esta tarde, atropelado  
quando voltava do trabalho  
em sua bicicleta Caloi  
que não tinha dez marchas

ZEKA: (FALANDO) Seu corpo não foi velado  
A família entristecida, por sorte  
conseguiu juntar alguns pedaços

JOKA: (FALANDO) Como a firma não descontava  
a previdência  
a família sentiu fome maior ainda  
do que aquela que já tinha  
a viúva virou puta,  
e os filhos, ainda hoje,  
caminham pelas ruas).

ZEKA E JOKA: (REPETEM A 2ª E 3ª ESTROFES)

JOKA: Sabe, Zeka?! Eu estou pensando, e eu estou tentando i-  
maginar como é que tudo isso vai acabar...

ZEKA: Como assim, Joka?

JOKA: Sabe o que é?

ZEKA: Não!!

JOKA: É que de repente eu perdi toda a relação com tudoisso!  
entende?

ZEKA: Não!!

JOKA: Antes parecia que havia um roteiro, que embora nada do  
que acontece conosco tivesse alguma lógica, havia ao  
menos aquela tênue parcela de sentido que é preciso pa  
ra que as pessoas vivam.

ZEKA: Sim?!

JOKA: E agora essa parcela se desfaz, deixou de existir...  
É como se tivesse sumido, você não acha?!

ZEKA: Pode ser...

JOKA: E nós estamos presos...

ZEKA: Por que, hein?

JOKA: Porque nós somos macacos, e nós somos viciados.

ZEKA: Besteira...

JOKA: Eu também acho besteira...

ZEKA: Então porque ficar se preocupando com isso?

JOKA: Mas a prisão é verdadeira, Zeka!

ZEKA: É...

JOKA: Os parafusos são irreais, a estrutura é irreal, o mundo é irreal, mas a prisão existe.

ZEKA: Sabe que é mesmo, Joka!?

JOKA: E então: tenho ou não tenho razão?

ZEKA: É... sim... Eu acho que tem!

JOKA: Obrigado.

ZEKA: Mas de quê adianta ter razão agora, hein?!

JOKA: Bom... eu acho que de nada, né?!

ZEKA: Joka! Sinceramente, Joka!

JOKA: O quê, Zeka?

ZEKA: Você é um gênio!

JOKA: Obrigado, Zeka!

ZEKA: De nada, Joka! Eu acho que a gente deve se acostumar com isso!

JOKA: Com o quê, Zeka?

ZEKA: De que todos nós somos um tanto quanto burros e estúpidos de vez em quando, você não acha?

JOKA: Acho...

ZEKA: Afinal de contas, assim, ao menos, a gente ainda é motivo de riso para as pessoas. Eu acho que seria muito triste o mundo se não existissem palhaços como nós, sabe?!

JOKA: É, Zeka! É verdade!

ZEKA: Há pessoas que passam a sua vida inteira tentando dizer alguma coisa, mas que no fundo, no fundo mesmo, não conseguem lá grande coisa, e não ser rirem da nossa cara, porque nós somos macacos.

JOKA: Sabe, Zeka? Até certo ponto é bom nós sermos palhaços.

ZEKA: Eu sei.

JOKA: Ao menos a gente ainda pode ser alguma coisa...

ZEKA: Mas nós estamos presos agora.

JOKA: Sim.

ZEKA: E eles devem estar rindo da nossa cara, agora.

JOKA: E em breve, é provável que façam um grande banquete.

ZEKA: E então eles vão se fartar de tanta comida...

JOKA: Carne!

ZEKA: Coxas!

JOKA: Tetas!

ZEKA: Bucetas!

JOKA: Umbigo!

ZEKA: A noite triunfará com a realização de um imenso "strip-tease" coletivo.

JOKA: Em Roma antiga isso seria um bacanal.

ZEKA: É, mas nessa terra parece que é "swing".

JOKA: É... os nomes costumam mudar de um lugar para outro, mas a atividade clássica continua a mesma.

ZEKA: Sabe, Joka? Eu gostaria de saber como tudo isso vai terminar!

JOKA: Eu não sei, Zeka! É como se eu tivesse dito tudo o que eu precisaria dizer, e que agora eu não tivesse mais nada a acrescentar e não ser repetir, repetir, repetir...

...

ZEKA: Inconstante: o mesmo ciclo de sempre...

JOKA: E nós estamos um pouco mais velhos, e estamos presos: somos macacos e viciados, e somos palhaços.

ZEKA: É na nossa condição de palhaços estamos presos dentro de um palco fechado e escondido dentro de um teatro; e ali estão não sei quantas pessoas presas na sua condição de público. Eu sou o burro, e tu és o inteligente; e nós fazemos uma dupla e as pessoas riem das nossas trapalhadas. Já faz tantos anos que esse esquema da certo. Porque ele não iria dar agora, não é Joka?!

JOKA: É, Zeka! É verdade... Por que, não? (PARA O PÚBLICO) Senhoras e Senhores, com vocês os palhaços, Zeka...

ZEKA: ...e Joka!!!

(FAZEM UM CUMPRIMENTO TÍPICO DE PALHAÇOS DANDO-SE TAPINHAS NAS BUNDAS)

Mas o que me dá raiva, entende, é que eu não sei o que é que eu vou fazer...!!!

JOKA: Mas, Zeka?

ZEKA: Lá fora o mundo esta mudando, entende?! Se transformando a cada passo e de forma instável, e eu aqui, de caindo...

JOKA: Minha decadência também existe, Zeka! E cumpre-me vivê-la! É preciso ser duro como um diamante, líquido como a água. Estar lúcido o bastante para saber que estou me destruindo, e sábio o suficiente para não me preocupar com isso.

ZEKA: Eu não tenho mais nada para fazer, Joka!

JOKA: Nem eu, Zeka!

ZEKA: (PARA O PÚBLICO) Vocês querem que a gente continue?

JOKA: (PARA O PÚBLICO) Vocês querem realmente que a gente continue?

(ZEKA VOLTA A REPETIR O MONÓLOGO INICIAL DO CICLO I E JOKA TORNA A REPETIR O MONÓLOGO INICIAL DO CICLO II)

(LUZ SOBRE OS PARAFUSOS NA MESA)

PARAFUSO: Serviçal! Comunique aos jovens macacos viciados que são nossos hóspedes atuais, que os mesmos serão

imolados dentro em breve para serem servidos como  
nosso frugal repasto no banquete desta noite, em  
minha homenagem! (APLAUSOS DOS OUTROS PARAFUSOS)

SERVIÇAL: Mas, Senhor! Eles são tão jovens!

PARAFUSO: Não discuta, Serviçal!

SERVIÇAL: Mas senhor!

PARAFUSO: Não discuta, Serviçal: obedeça!!!

(PAUSA) (MAIS FORTE OS MONÓLOGOS DE ZEKA E JOKA)

ALMA I: Grande Mestre, A Serviçal contestou-o!

PARAFUSO: Sim! Eu sei!

ALMA II: Atrevida!

ALMA I: Será que ela é mesmo de confiança, Senhor?

ALMA III: Isso mesmo, esses inferiores sempre causam proble-  
mas!

PARAFUSO: Sim?!

ALMA I: Ela pode tentar libertá-los, senhor! E ela tem as  
chaves!!!

PARAFUSO: É mesmo! Vamos atrás! Rápido, antes que seja tarde  
demais! (SAEM POR UM LADO PRODUZINDO UM RUÍDO DE LA-  
TAS BATENDO)

SERVIÇAL: Zeka! Joka! Eu vim libertá-los! Rápido! Fugam antes  
que eles cheguem! Eles querem matá-los para que se-  
jam devorados no banquete de hoje a noite.

ZEKA: E, agora?!

SERVIÇAL: Não, não discutam! Fugam! Rápido, Fugam! Tomem as  
chaves!(BARULHO DE LATAS MAIS FORTE) Com elas vocês  
conseguirão ultrapassar todas as portas, e então o  
infinito estará perto...

JOKA: Obrigado...

SERVIÇAL: Fugam!!!

(BARULHO DE LATAS MAIS FORTE) (ZEKA E JOKA FOGEM)

(A SERVIÇAL PRINCIPIA A CANTAR "LIBERTAR")

ALMA I

ALMA III: (OFF) E se ela conseguir libertá-los, senhor?

PARAFUSO: Então nós iermos prendê-la!

ALMA I: E matá-la

ALMA II: E assá-la!

PARAFUSO: E comê-la! Ela os substituirá se teve a coragem de libertá-los!

(A CANÇÃO ESTÁ MAIS ALTA) (ZEKA E JOKA NUM CANTO REPETEM "A ALEGRIA" (ENTRAM OS PARAFUSOS E SUAS VOZES MESCLAM-SE COM AS ÚLTIMAS PALAVRAS DO CANTO)

ALMA III: Lá está ela!

ALMA II: Ela soltou-os!

PARAFUSO: Ataquem!

(ATIRAM-SE SOBRE A SERVIÇAL QUE ENTREGA-SE PRATICAMENTE SEM RESISTÊNCIA. ARRASTAM-NÁ PARA A MESA ONDE É COLOCADA DE BRUÇOS E COM UMA LÂMINA APUNHALAM-NÁ NO PEITO) (SAI A LUZ) (ENTRA UMA LUZ CLARA SOBRE ZEKA E JOKA NA FRENTE DO PALCO) (TOCA UMA MÚSICA PROFUNDAMENTE SUAVE)

ZEKA: Joka?! Joka?! Você viu, Joka?

JOKA: O quê?!

ZEKA: Os parafusos?

JOKA: Vi!

ZEKA: Eles pegaram a mulher, Joka! Aquela que eles tinham transformado na serviçal, aquela que tinha a boneca que tinha um disquinho, que era a criança que ela pensava que era? Você viu?

ZEKA: Eles bateram nela, Joka!

JOKA: Sim!

ZEKA: E eles maltrataram ela, Joka!

JOKA: Sim!

ZEKA: E ela fugia deles, Joka!

JOKA: Sim!

ZEKA: E ela não conseguiu escapar!

JOKA: Não!

ZEKA: E ela morreu, Joka!

JOKA: Eu sei!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ZEKA: Joka, será que nós também não estamos fugindo?

JOKA: Eu não sei, Zeka!

ZEKA: Joka?!

JOKA: Sim...

ZEKA: Por que eles fizeram isso, Joka?

JOKA: Eu não sei...

ZEKA: Joka?\*

JOKA: Sim, Zeka!

ZEKA: Eu tenho medo!

JOKA: Eu acho, Zeka, que a gente sempre tem medo de alguma coisa, que a gente sempre foge. Eu penso que a gente vive de medo em medo, passando sempre de um medo a outro medo, e desse para outro. É assim o tempo vai passando, e os anos correndo e a gente fugindo - no meio e no meio - sempre no meio de uma porção de medos!

ZEKA: Está tão escuro, não, Joka? Eu sinto frio...!

JOKA: É, Zeka! Está frio!

ZEKA: Eu não consigo te ver, Joka!

JOKA: Nem eu, Zeka! Nosso universo é um universo escuro; sem vida nos lugares onde florescem as plantas.

ZEKA: Eu tenho medo, Joka!

JOKA: Eu também, Zeka! Eu também tenho medo! (ESCURO)

(ENQUANTO AS ÚLTIMAS PALAVRAS SE PROCESSAVAM, DESCIAM DO TETO DOIS PANOS MARRONS QUE NO FINAL DA ÚLTIMA PALAVA DE JOKA ENVOLVIAM A CABEÇA DOS DOIS) (EM SEGUNDO DE ESCURIDÃO) (LUZ ILUMINANDO POR POUCOS INSTANTES AS DUAS ROSAS QUE NASCERAM NA CABEÇA DE ZEKA E JOKA RESPECTIVAMENTE) (BLACK-OUT) (MAIS UM ORIGINAL TERMINADO) (A MAGIA, NO ENTANTO, AINDA CONTINUA).